

A DESCENDÊNCIA DO HOMEM E AS MODIFICAÇÕES DE NOSSOS CORPOS: AS METAMORFOSES HUMANAS

Marta Bellini¹

Resumo: Neste texto, aproprio-me das argumentações de Darwin, em seu livro “A Origem das Espécies”, particularmente do Capítulo 6, acerca da genealogia do Homem, para indicar que a Biologia evolucionista de Darwin nos permite compreender a seleção sexual não como um binômio macho/fêmea, mas, sim, como uma dialética possível graças às modificações promovidas pela seleção natural.

Palavras-chave: Seleção Sexual; Seleção Natural; Darwin; Biologia.

Abstract: In this text, I appropriate Darwin's arguments in his book The Origin of Species, particularly Chapter 6, about the genealogy of Man, to indicate that Darwin's evolutionary biology allows us to understand sexual selection not as a male / female binomial, but as a possible dialectic thanks to the changes promoted by natural selection.

Keywords: Sexual Selection; Natural Selection; Darwin; Biology.

PARA UM ESTUDO ESPINHOSO, UM BOM MÉTODO CIENTÍFICO

Após 12 anos da publicação da “Origem das Espécies”, um livro espinhoso é publicado em 1872 por Darwin. Trata-se de “A Origem do Homem”. Neste livro, aplicará a seleção natural para descrever a origem do homem, sem, no entanto, fechar as questões referentes à evolução do pensamento, da linguagem e, claro, social. Seu método – assim como em “A Origem das Espécies” - é afirmar o homem, como as outras espécies, como produto da seleção natural investigando minuciosamente a anatomia, a construção dos hábitos humanos, as fases de construção cognitiva e de linguagem do homem.

¹ Graduada em Ciências Biológicas (USP). Mestre em Educação (UFSCAR). Doutora em Psicologia Social (USP). Professora Associada do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).

A estratégia de Darwin consistiu em lançar mão dos procedimentos de comparação, de análise e de inúmeras alusões às mudanças de nosso corpo humano durante seu percurso pelo planeta. Como diz Regner (2009, p. 1):

[...] Darwin normalmente faz uso de vários procedimentos reconhecidos como "científicos", mas também lança mão de procedimentos bastante inovadores, como a rede de informações que criou em sua correspondência, o tratamento de dificuldades e objeções à teoria, o jogo do atual (o que está dado) e do possível (do que pode ser dado, sem impossibilidade lógica ou fática) ao explicar e avaliar os méritos de nossas explicações, sua solicitação de que seja considerado o poder explicativo da teoria "como um todo", o uso que ele faz de imaginação e metáforas, e o apelo à autoridade da comunidade científica. Tais procedimentos contribuíram para o reconhecimento da complexidade das relações entre a unidade teórica e a testabilidade empírica, e do papel determinante das estratégias argumentativas.

Para Darwin, o pensamento e a linguagem ou, em outras palavras, a consciência, o ato de agir com finalidade tem origem nos instintos que levam aos hábitos e estes às escolhas sociais.

Em seus estudos sobre o homem e sobre a teoria das emoções, Darwin diz que a vontade, consciência e intenção resultam do desenvolvimento das faculdades superiores. A moral, a parte mais nobre do homem, segundo Darwin, onde o homem é o supremo juiz de sua conduta, tem sua origem nos instintos sociais, no amor e na simpatia, geradores de um sentimento de "certo" e "errado", à base do qual a moral se edifica. Uma pequena dose de juízo ou razão está presente, segundo Darwin, mesmo em nossos instintos. A mente humana evoluiu a partir da mente dos animais mais inferiores (REGNER, 2009, p.1).

Nos quatro primeiros capítulos de "A Origem do Homem", vemos um esforço incrível em elaborar uma teoria da construção do pensamento e da linguagem – na opinião da autora deste texto – próximo daquilo que Piaget, no século XX, apresentou-nos como a construção da inteligência. É claro que em Darwin, estão as

premissas do que, menos de um século mais tarde, Piaget chamou de teoria da inteligência.

O papel dos instintos é vital para a composição do pensamento.

[...] Instinto é uma modificação da estrutura corpórea ... e o intelecto é uma modificação do instinto – um desdobramento e generalização dos meios pelos quais um instinto é transmitido (Darwin 1987: 576 – Notebook N, nota 48) (REGNER, 2009/2010, p. 63).

As ações dirigidas pelos instintos tornam-se hábitos graças à sua flexibilidade e evolução. Deixam de ser instintos ou podem ser bases para instintos mais complexos.

[...] os instintos mais complexos parecem ter sido originados independentemente da inteligência. Contudo, estou longe de querer negar que as ações instintivas possam perder sua fixidez e seu caráter de não aprendidas e possam ser substituídas por outras desempenhadas com o auxílio da vontade livre. Por outro lado, algumas ações inteligentes (...) depois de serem desempenhadas durante muitas gerações convertem-se em instintos e são herdadas (...), não são mais desempenhadas por meio da razão ou da experiência (Darwin 1981: 37-38) (REGNER, 2009/2010, p. 63).

O capítulo 5 de “A Origem do Homem”, “Sobre o desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais ao longo dos tempos primitivos e civilizados”, vai debater como as estruturas do corpo do homem mudam para que este sobreviva ao clima, às condições alimentares, à ingestão de certas comidas, às condições de habitação, ao fogo. Os utensílios, armas e estratégias para obter comida e se defender impulsionaram as faculdades mentais.

Vale a pena observar que, logo que os ancestrais do Homem se tornaram sociais (e isso ocorreu, provavelmente, num período muito

remoto) o hábito da imitação, assim como a razão e a experiência, devem ter aumentado e modificado significativamente as capacidades intelectuais do Homem, de tal forma que delas apenas existem traços dos animais inferiores (DARWIN, 2009, p. 154).

O desenvolvimento das argumentações de Darwin nesse capítulo é truncado pela história dos homens brancos e civilizados em oposição aos negros, indígenas e outros povos. A cada avanço a favor das sociedades “civilizadas”, Darwin contrapõe suas próprias mazelas. Afinal, essas sociedades “avançadas” mantêm, também, abomináveis comportamentos, como a escravatura.

AS MODIFICAÇÕES DE NOSSOS CORPOS: DE CLOACAS E MAMAS

O Capítulo 6, “Sobre as afinidades e a Genealogia do Homem”, trata da posição do Homem no sistema natural. Em outras palavras, apresenta as topologias do corpo humano e de outros vertebrados pelo tempo. Para Darwin, o homem conservou traços dos animais inferiores, mas foi em sua luta pela sobrevivência e pela seleção natural, que numerosas formas desapareceram e outras se formaram. Não há, no entanto, motivo para separar o Homem como o fizeram Cuvier e Blumenbach, no século XIX, numa ordem independente, diz Darwin.

O professor Huxley, nosso grande anatomista e filósofo, discutiu plenamente este assunto, e concluiu que o Homem, em todas as partes de sua organização, difere menos dos macacos superiores do que estes últimos diferem dos membros do mesmo grupo. Portanto, “não há justificação para colocar o Homem numa ordem distinta” (DARWIN, 2009, p.175).

O Homem não está fora da rede de relações e parentescos com os símios; os pelos, os formatos dos narizes, o couro cabeludo e a testa nua, as expressões das emoções formam um conjunto de provas da semelhança entre os traços humanos e animais.

Quando o Homem perdeu, pela primeira vez, o seu revestimento de pelo, quaisquer que tenham sido a época e o local, é provável que habitasse uma região quente; circunstância que terá sido favorável ao regime frugívoro com o qual fazia a sua subsistência. Estamos longe de saber quanto tempo passou desde que o Homem divergiu da linhagem dos Catherine, mas pode ter ocorrido numa época tão distante quanto do período do Eoceno; porque tal como está provado pela existência do *Dryopithecus*, os macacos superiores divergiram dos macacos inferiores num período tão antigo do Mioceno Superior. Também somos bastante ignorantes quanto à rapidez da taxa de modificação dos organismos sob circunstâncias favoráveis, que estejam colocados mais acima ou mais abaixo na escala; sabemos, no entanto, que alguns deles conservaram a mesma forma durante um enorme período de tempo (DARWIN, 2009, p. 179-180).

Darwin está narrando a mudança do corpo dos animais e do Homem; não estabelece nenhuma origem, mas, sim, evoca a descendência da espécie mostrando que mudamos sob circunstâncias favoráveis. Nossos ancestrais tiveram mais pelos, a barba devia ser comum nos dois corpos – masculino e feminino -, nossas orelhas deviam ser pontiagudas como as dos cães, “[...] a grande artéria e o nervo do úmero passavam através do forâmen supracondilóide; os intestinos apresentavam um divertículo ou ceco muito maior que o actual; e os pés eram preênseis, a julgar pelo grande dedo do feto” (DARWIN, 2009, p. 183).

Mais remotamente ainda, os ancestrais do Homem tiveram duplo útero e os excrementos saíam por uma cloaca. Tivemos dentes caninos, os pulmões de alguns humanos com hábitos aquáticos tiveram uma forma de bexiga-natatória, fendas no pescoço e em algum momento da vida de nossos ancestrais, fomos andróginos. Para Darwin, um remoto ancestral de todo o reino vertebrado parece ter sido hermafrodita ou andrógino. Difícil, mas interessante hipótese para pensar as mudanças evolutivas de nosso corpo. Diz Darwin (2009, p. 184):

Mas esta hipótese apresenta uma dificuldade particular. Na classe dos mamíferos, os machos possuem em sua vesícula prostática os rudimentos de um útero e de sua passagem adjacente; também possuem os rudimentos de mamas; e alguns machos marsupiais apresentam traço de uma bolsa marsupial; e outros tanto factos

análogos, que poderiam ser acrescentados. Será que com base nestas observações devemos deduzir que qualquer mamífero extremamente antigo continuou a ser andrógino já depois de ter adquirido as principais características distintivas de sua classe, de já ter, portanto, divergido das classes inferiores do reino dos vertebrados?

Darwin sabe que é impossível responder a essa pergunta porque teríamos que “descer” até os primeiros vertebrados, os peixes. No entanto, não descarta a hipótese de androginia. Diversas partes acessórias de um sexo se encontram no sexo oposto num estado mais ou menos imperfeito ou rudimentar como são os casos dos esporões em aves, plumas de cores brilhantes. Os machos possuem órgãos mamários, mas para Darwin, não podem ser considerados rudimentares; “[...] a verdade é que, simplesmente, não estão totalmente desenvolvidos, e não estão funcionalmente activos” e se manifestam em condições de doenças, na adolescência. Os machos, diz Darwin,

[...] sob a influência de certas doenças, e como que por simpatia, são afectados da mesma maneira que os das fêmeas; à nascença, e durante a puberdade, é frequente segregarem gotas de leite – facto que foi observado no caso curioso, relatado anteriormente, de uma rapaz que possuía dois pares de mamas; e nos homens, tal como em quaisquer outros mamíferos macho, observa-se, ocasionalmente, durante a maturidade, o desenvolvimento significativo desses órgãos, sendo capazes de fornecer uma boa quantidade de leite (DARWIN, 2009, p. 185).

Uma hipótese simpática porque podemos supor que os machos homens já ajudaram as fêmeas parceiras no aleitamento da prole. Depois, “por alguma razão (como, por exemplo, a produção de um número menor de crias), deixaram de fornecer esse tipo de ajuda, a falta de uso desses órgãos, durante a maturidade, poderá o que levou à sua inactividade” (DARWIN, 2009, p. 185).

NA ÁRVORE DARWINIANA, O CORPO É FLUIDEZ E TEMPO

De certa maneira, somos andróginos. As demarcações macho/fêmea, sabemos são históricas, não biológicas. “Não precisamos, diz Darwin, de nos sentir envergonhados por causa disso; o mais humilde dos organismos é qualquer coisa muito superior à poeira inorgânica em nossos pés; e ninguém com um espírito livre de preconceitos pode estudar qualquer criatura viva, por mais humilde que ela seja, sem ficar repleto de entusiasmo face à sua estrutura e propriedades maravilhosas” (DARWIN, 2009, p. 187).

REFERÊNCIAS

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Portugal: Relógio D'Água, 2009.

REGNER, Anna Carolina K. P. Somos melhores depois de Darwin. 2008. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/20440-somos-melhores-depois-de-darwin-entrevista-especial-com-anna-carolina-regner>. Acesso em: 01 jul. 2017.

REGNER, Anna Carolina K. P. As bases da indagação darwiniana pelo Homem. **Antropologia Portuguesa**, nº. 26/27, p. 61-86, 2009/2010.